

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
CAPÍTULO 2	18
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
CAPÍTULO 3	27
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Tháís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
CAPÍTULO 4	43
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
CAPÍTULO 5	58
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
CAPÍTULO 6	73
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
CAPÍTULO 7	89
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
CAPÍTULO 8	99
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

CAPÍTULO 9	107
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916019	
CAPÍTULO 10	116
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.49019160110	
CAPÍTULO 11	125
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.49019160111	
CAPÍTULO 12	133
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.49019160112	
CAPÍTULO 13	142
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.49019160113	
CAPÍTULO 14	155
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
DOI 10.22533/at.ed.49019160114	
CAPÍTULO 15	169
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160115	

CAPÍTULO 16	177
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.49019160116	
CAPÍTULO 17	189
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160117	
CAPÍTULO 18	203
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160118	
CAPÍTULO 19	212
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
DOI 10.22533/at.ed.49019160119	
CAPÍTULO 20	230
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
DOI 10.22533/at.ed.49019160120	
CAPÍTULO 21	240
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160121	
CAPÍTULO 22	256
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.49019160122	

CAPÍTULO 23	266
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
CAPÍTULO 24	277
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
CAPÍTULO 25	289
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
CAPÍTULO 26	302
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
SOBRE A ORGANIZADORA	310

CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS

Daniele Machado Pereira Rocha

Universidade Federal da Bahia

Salvador – Bahia

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Universidade Federal da Bahia

Salvador – Bahia

RESUMO: A construção dos corpos está em constante transformação. O corpo do homem, que antigamente era objeto biológico de estudo, hoje já vem sendo caracterizado pela beleza, elemento crescente nas campanhas publicitárias. É crescente o número de jovens que modificam sua alimentação e praticam atividades físicas, em nome de um corpo ideal. Objetivo: Estudar as ações de promoção da saúde e prevenção de doenças, de estudantes do gênero masculino, de um curso superior em saúde. Métodos: 79 estudantes com idade entre 17 a 40 anos responderam a um questionário semiestruturado, com perguntas referentes à temática abordada. As respostas foram analisadas nos moldes da análise de conteúdo. Resultados: Práticas de atividade física, com destaque para a ida à academia e a alimentação saudável, estão entre a maioria das respostas dos estudantes, como ações para manter uma boa saúde. Visitas periódicas aos serviços de

saúde e de vacinação foram encontradas em menor quantidade de respostas. Conclusão: O corpo forte e saudável, ideal para os homens, está ligado diretamente à atividade física e à alimentação saudável, o que pode significar a busca por uma melhor saúde, mas também sustenta a busca desmedida pelo corpo perfeito, reproduzindo o estereótipo de masculinidade enraizado em nossa sociedade. O processo educativo de trabalhar com estudantes, num curso superior de saúde, as suas representações acerca do corpo masculino e a promoção da saúde, podem ampliar as possibilidades de existência e de aceitação de formas não hegemônicas de masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; masculinidade; saúde; universidade.

ABSTRACT: The construction of bodies is constantly changing. The body of man, formerly a biological object of study, today has been characterized by beauty, a growing element in advertising campaigns. There is a growing number of young people who change their diet and practice physical activities in the name of an ideal body. Objective: To study the actions of health promotion and prevention of diseases, of male students, of a course in health. Methods: 79 students aged 17 to 40 years answered a semi-

structured questionnaire, with questions related to the subject matter. The responses were analyzed in the form of content analysis. Results: Physical activity practices, such as going to the gym and healthy eating, are among the majority of students' responses, such as actions to maintain good health. Periodic visits to health services and vaccination were found in fewer responses. Conclusion: The strong and healthy body, ideal for men, is linked directly to physical activity and healthy eating, which can mean the search for better health, but also supports the excessive search for the perfect body, reproducing the stereotype of masculinity rooted in our society. The educational process of working with students in a higher health course, their representations about the male body and the promotion of health, can increase the possibilities of existence and acceptance of non-hegemonic forms of masculinities.

KEYWORDS: Body; masculinity; health; university.

1 | INTRODUÇÃO

O corpo se transforma de forma constante. Em um breve histórico acerca da visão dos corpos masculino e feminino, percebemos que até o século XVIII o mesmo estava atrelado aos estudos biológicos, focados no sexo, de forma hierarquizada, tendo como referência o sexo masculino (FERNANDES, 2009). A partir do final do século XVIII, os corpos foram separados, porém, mesmo considerando sua bissexualidade, os estudos médicos da época somente reconheciam o corpo feminino pelo seu caráter reprodutivo (LOURO, 1999).

Louro (1999) afirma que, somente a partir do século XIX, os estudos de gênero começaram a se intensificar, pois, à medida que foram vistos as diferenças entre os sexos masculino e feminino, as noções de singularidade, no tocante ao papel social de ambos, também foram percebidas e discutidas. Apesar da distinção dos corpos reconhecidos, o homem continuou como figura central em grande parte das sociedades, tendo como características o papel de provedor, trabalhador e mantenedor da casa, atributos que estão relacionados à forma como eram vistas as mulheres, sempre frágeis, mães e cuidadoras do lar, derivados de estudos científicos que sempre evidenciavam o sexo masculino como dominante (GROSSI, 2004; FERNANDES, 2009).

Para desconstruir esse papel social designado às mulheres, a década de 60 foi crucial, quando emergiu o movimento feminista nos Estados Unidos e Europa. No Brasil, esse movimento também teve seus grupos formados nos anos 60. No entanto, na década de 70 o feminismo ganhou força, reunindo mulheres que lutavam contra o machismo e suas relações de poder (PEDRO; GUEDES, 2010). As discussões acerca de políticas públicas, saúde, direitos, entre outros, foram intensificadas e o termo gênero se tornou referência no feminismo, obtendo dessa forma maior reconhecimento científico (PASCHOALICK et al, 2006).

Percebemos que as mulheres estão conquistando cada dia mais espaços que antes eram privilégio somente dos homens, porém o processo de desconstrução de

estereótipos da masculinidade hegemônica ainda precisa ser mais debatido, pois a subordinação da mulher perante o homem tem raízes históricas. Conforme Connell (1995), a sociedade ainda continua vendo os homens como aqueles que têm práticas violentas e que executam papéis contrários aos relacionados às mulheres.

As características ditas como masculinas e continuamente contidas no imaginário da população são consideradas por Connell e Messerschmidt (2005) como masculinidade hegemônica, sendo esta conceituada como as práticas rotineiras utilizadas pelos homens. Cientificamente esse termo está desaparecendo, pois são nítidas as variadas formas de comportamento masculino, que antigamente não seriam bem aceitos. Esses novos modelos são conhecidos como masculinidades (GROSSI, 2004; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005).

Homens cuidando dos seus lares, dos filhos, indo constantemente a academias, sem vergonha de suas emoções, já são percebidos com maior frequência. Neste estudo, o foco será direcionado ao cuidado que eles estão tendo com o corpo, no tocante aos hábitos alimentares mais saudáveis e sua assiduidade aos estabelecimentos de prática de atividades físicas, bem como a influência da mídia nessas escolhas. Nesse sentido, podemos perceber um possível olhar voltado para a saúde, ou para um culto ao corpo que visa à manutenção de estereótipos de força física ligada a masculinidade hegemônica.

A aparência, a estética e a necessidade de manterem-se sempre nos padrões normativos frequentemente veiculados na mídia era característico das mulheres. Atualmente, os homens já começam a fazer parte desse cenário e o que vemos ser reproduzido são corpos fortes e musculosos, obtidos na maioria das vezes com uma boa alimentação e ida às academias, práticas amplamente divulgadas na mídia para a obtenção e manutenção de um corpo perfeito (JANUÁRIO; CASCAIS, 2012). A publicidade utiliza o corpo do outro em suas propagandas para estimular o consumo de produtos e aumentar os seus lucros. É um dos papéis da mídia reproduzir o pensamento da sociedade, aproximando-se o máximo possível do que se espera de um belo corpo (HOFF, 2004).

Entendemos que é de grande contribuição, para a sustentação da saúde, hábitos de vida saudáveis; no entanto, sabemos que a saúde não se restringe somente a esse eixo e que condições de vida como trabalho, renda, educação, lazer, serviços de saúde, dentre outros, e não somente medidas individuais, também são de extrema importância para a promoção da saúde da população (BUSS, 2000; BUSS 2007), o que inclui a saúde dos homens.

Diante da ligação existente entre o corpo, a masculinidade, as práticas de cuidado e a mídia, nos esforçaremos para identificar, por meio das respostas dos estudantes do gênero masculino de um curso interdisciplinar da Universidade Federal da Bahia, o entendimento desses discentes acerca das ações necessárias para a manutenção da saúde. A partir dessas respostas, dialogaremos com os autores citados anteriormente.

2 | METODOLOGIA

Este artigo é fruto de um recorte de uma pesquisa que estuda as concepções e práticas de saúde e doença entre os alunos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia. Na fase de captura de dados, aplicou-se como instrumento de pesquisa um questionário semiestruturado a um total de 79 estudantes com idades entre 17 a 40 anos. Perguntas acerca das práticas de saúde realizadas e consideradas importantes foram respondidas de forma livre e aberta, sem a identificação dos discentes.

As respostas foram digitalizadas no processador de texto Microsoft Word e analisadas de forma qualitativa, explorando o caráter subjetivo de cada resposta dos sujeitos (MINAYO & SANCHES, 1993). Foram descartados questionários em que não foram respondidas as seguintes questões: “Que ações você considera importantes para manter a saúde”?, “Quais dessas ações você realiza para manter a sua saúde”?. Nessa direção, dos 79 questionários respondidos, analisamos 75.

As questões foram respondidas livremente, dando aos estudantes a oportunidade de transmitir sua própria opinião, sem respostas preestabelecidas. Coube aos pesquisadores analisar o conteúdo obtido, agregando-os à temática proposta neste artigo (LAVILLE & DIONE, 1999). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da UFBA e os estudantes participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

As perguntas feitas aos discentes acerca das ações necessárias e utilizadas para a manutenção da saúde nos deram suporte para abirmos o diálogo com os temas de cuidado com o corpo, mídia e ações de promoção da saúde e prevenção de doenças. Analisando as respostas relativas às ações que os estudantes julgavam necessárias para manter a saúde, observamos que a maioria das respostas circulava entre práticas de atividades físicas e alimentação saudável. Alguns alunos citavam essas medidas em conjunto com acompanhamento periódico ao médico e utilização de vacinas, como destacamos nas respostas abaixo:

Q2. “Uma **alimentação balanceada, prática de atividades físicas** e neurológicas, prevenção (por meio de **vacinas** ou combate dos vetores, que podem transmitir doenças)”.

Q6. “**Alimentação saudável, consultas periódicas ao médico, práticas de esporte**”.

Q63. “Manter uma **boa alimentação, praticar exercícios, se prevenir** no geral”.

Q66. “Além de obviamente evitar doenças através de métodos preventivos (**vacinação**, etc.), a pessoa deve realizar atividades que a faça se sentir bem

(os hobbies), caminhar ou fazer qualquer outra **atividade física** também é muito importante”.

Observa-se com as respostas uma mudança de discurso com relação ao tratamento necessário para a manutenção da saúde. Podemos associar essas concepções de cuidado com o corpo com as múltiplas masculinidades existentes, em detrimento da masculinidade hegemônica. Hoje existem homens preocupados com a saúde, procurando ter uma boa alimentação, práticas de atividades físicas e se informando sobre os programas de vacinação (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2005).

No entanto, ao lermos as respostas dos alunos, não podemos deixar de destacar a presença de uma compreensão reducionista sobre as práticas de manutenção da saúde. Ao falarmos de tais práticas, temos, para além dos hábitos individuais citados, os de caráter coletivo, relativo às condições de vida e trabalho que influenciam diretamente na saúde dos indivíduos (BUSS & PELLEGRINI FILHO, 2007). Dentre as respostas analisadas, somente dois alunos apresentaram respostas ligadas aos determinantes sociais da saúde, como pode ser visto abaixo:

Q22. “Saneamento básico adequado, educação de qualidade, informação, atendimento ao indivíduo de forma universal, infraestrutura”.

Q26. “Políticas públicas afirmativas, efetivas e resolutivas, que promovam ações adequadas para proporcionar o bem-estar social”.

Percebemos com essas respostas as diferenças existentes entre os conceitos de promoção da saúde e prevenção de doenças, bastante confundidos entre alguns estudantes. Enquanto que promoção refere-se a medidas que visem o aumento da saúde e o bem-estar da população, as ações de prevenção são destinadas a controlar e reduzir doenças, conhecendo o problema e agindo antes que se adoeça (BUSS, 2000; CSZERANIA, 2003). Nesse sentido, a pergunta acerca das ações necessárias para manter a saúde está mais voltada à promoção da saúde. Não podemos deixar de destacar a influência que as condições de vida da população têm sobre os estilos de vida citados pelos estudantes, podendo assim justificar certos reducionismos que precisam ser melhor compreendidos.

Quando se buscou respostas relativas às práticas utilizadas por esses estudantes para manter a saúde, novamente percebemos uma igualdade nas respostas, pois alguns discentes responderam que praticam todas as ações que julgam necessárias para manter a saúde, tais como:

Q38. “Ter uma alimentação equilibrada, fazer atividades físicas e ter higiene”.

Q48. “Exercícios físicos e mentais, viver em um ambiente saudável e tomar precauções que o mantenham bem em todos os sentidos. seja pessoal, profissional, social”.

Q69. “Ter uma alimentação regular e bem balanceada; praticar exercícios físicos; evitar o stress”.

Outros alunos responderam que não praticavam nenhuma das ações que consideravam necessárias para a manutenção da saúde:

Q13. “Estar próximo a amigos, familiares e pessoas que te fazem bem”. (...) “Nada”.

Q74. “Manutenção de hábitos de vida saudáveis; se alimentar com qualidade; praticar atividades físicas; repousar”. (...) “No atual ritmo de vida malmente me alimento bem”.

Q78. “Atividades que evidenciem o bem-estar do indivíduo”. (...) “Nenhuma”.

Dentre as repostas, somente três estudantes citaram informação, socialização e educação como ações praticadas para manter a saúde. Possivelmente essas repostas também caracterizariam um avanço na cultura do cuidar da saúde e, por conseguinte, do corpo, por parte do gênero masculino, algo que é comumente associado às mulheres. No entanto, podemos relacionar essas repostas com os estereótipos de corpo ideal estimulado constantemente pela mídia e associados à prática de atividades físicas e alimentação adequada. Januário & Cascais (2012, p.4), em seu artigo referente ao corpo e à publicidade, nos mostra que:

“O imaginário de corpo na atualidade tende às normatizações sociais. Isto é, o cuidar da forma física em prol do relacionamento afetivo, do desempenho sexual, do sucesso e da vida profissional. Além da incansável preocupação com a ‘boa forma’ corporal que acabam por impelir ao indivíduo atitudes como mudança de hábitos alimentares, rotinas de exercícios e alteração corpóreas que vão de medidas naturais a medidas mais extremas”.

Corroborando com os autores supracitados, no quesito da influência midiática, Monteiro (2001) mostra-nos o exemplo da revista *VIP Exame*, que tinha como objetivo desconstruir a masculinidade hegemônica, utilizando como público alvo homens heterossexuais, de alto poder aquisitivo. Nessa revista, abordou-se temas como boa forma, calvície e circuncisão na sessão saúde, identificando-as como indispensáveis para homens inteligentes que desejam obter sucesso, dinheiro e mulheres. No entanto, podemos refletir sobre um possível reforço de estereótipos, dessa vez ligada não só a práticas individuais de saúde, mas de objetificação da mulher e busca pelo poder.

4 | CONCLUSÃO

Estudos sobre as masculinidades vêm tentando desconstruir o modelo de masculinidade hegemônica, mostrando as múltiplas características socioculturais dos homens, que se modificam constantemente, tendo reflexo direto no cuidado do seu corpo e conseqüentemente da sua saúde. Embora haja essa desconstrução, as práticas que a sociedade ainda consideram como masculinas permeiam o imaginário coletivo e principalmente se destacam na mídia, que divulga, por meio de seus sites, revistas e programas televisivos, homens com características normativas: altos, musculosos e bem sucedidos.

Na análise das repostas dos discentes, percebemos a utilização de hábitos que

melhoram sua saúde e previnem doenças, a maioria ligados à alimentação saudável e à prática de atividades físicas, que podem significar uma busca por uma boa saúde, mas também podem refletir a necessidade de querer conquistar um corpo perfeito, algo bastante difundido pela mídia. As escolas e a universidade têm o papel de trabalhar com esses discentes novas práticas de cuidado com o corpo, estimulando o aprendizado das ações de promoção, resignificando o conceito de masculinidade e os novos papéis sociais dos homens, para que estas práticas se reflitam em melhorias no âmbito familiar, social, econômico, político, educacional e de saúde.

REFERÊNCIAS

BUSS, P.M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000. Disponível em <<http://goo.gl/SNIFWP>>. Acesso em: 10 abril. 2015.

BUSS, P.M.; PELLEGRINI FILHO II, A. *A saúde e seus determinantes sociais*. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v.17, n.1, p. 77-93, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/sTWTcS>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <<http://goo.gl/j05IVz>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/nAN7FO>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

CZERESNIA, D. Ações de promoção à saúde e prevenção de doenças: o papel da ANS. In: MONTONE, J.; CASTRO A.; JOAQUIM, W. (Organizadores). **Regulação & Saúde vol.3**. Documentos técnicos de apoio ao Fórum de Saúde Suplementar de 2003. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Saúde Suplementar. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2004. p. 211-240.

FERNANDES, M. G. M. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1051-1065, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/5Qi2fP>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 4-37, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/ve0JNG>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

HOFF, T. M. C. Publicidade: O Corpo Modificado. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.1, n.1, p. 52-62, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/X8tfRo>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

JANUÁRIO, S.; CASCAIS, A. O corpo masculino na publicidade: uma discussão contemporânea. **Revista Comunicação e Sociedade**, vol. 21, p. 135-148, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/K7ZgrY>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora UFMG/ArtMed, 1999.

LOURO. L. G. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO. L.G. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 07-34.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, vol.9, n.3, p.237-248, 1993. Disponível em: <<http://goo.gl/SiVVU>>. Acesso em: 01 abr. 2015

MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 235-266, 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/ST5CH2>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

PASCHOALICK, R.; LACERDA, M.; CENTA, M. L. Gênero masculino e saúde. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 80-86, 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/qYge5V>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, ISSN 2177-8248, p. 01-10, 2010.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490